ANTROPOLOGIA APLICADA

Sérgio Alves Teixeira

Não só os especialistas em ciências sociais, mas a generalidade dos indivíduos com mediana formação escolar está ciente de que, por maiores diferenças que apresente, a cultura do homem contemporâneo possui mais elementos universais do que em qualquer época passada. É na época presente que podemos, com real propriedade, falar em termos de História Universal, com a conotação de os fatos e acontecimentos da quase totalidade dos homens interessarem aos demais em muito larga escala. E assim não poderia deixar de ser, não só pelo que decorre diretamente da organização econômica, social e política da civilização atual, mas também pela aproximação, quase intimidade, em que vivem os homens, pelos meios de transporte e comunicação.

Dentre os elementos que podem ser considerados como universais na trama cultural que forma a civilização contemporânea a orientação pragmática e a busca, quase obsessiva, de bem-estar por indivíduos e instituições devem ser incluídos. Aqui reside a chave para a Antropologia Aplicada. Vejamos como se põe a questão. É fora de discussão que qualquer conhecimento, em si só, já tem aplicação. Nesse ponto os conhecimentos da Antropologia de há muito têm aplicação, como o haver demonstrado, com rigor científico, a falsidade de todos os determinismos simplistas, a falsidade das supostas inferioridade e superioridade raciais, a demonstração da existência, em número quase ilimitado, de respostas alternativas culturalmente determinadas, que através dos tempos o homem tem encontrado para satisfazer suas necessidades, mesmo as de ordem natural, reduzindo assim às devidas proporções aquilo que no comportamento humano e cultural deve ser visto como

inerente à natureza humana, convidando à tolerância para com outras tradições culturais e seus membros e ao abandono do etnocentrismo.

Mas quando se fala em Antropologia Aplicada pensa-se noutros termos, como aumento de produção, adoção de novas técnicas e produtos, abrandamento ou eliminação de tensões no relacionamento humano, melhoria de saúde e condições sanitárias, mais eficiência na educação.

Aqui é que entra a orientação pragmática e busca de bem-estar mencionados linhas atrás como chave para a aplicação da Antropologia. De fato, o pragmatismo, sendo uma das orientações da civilização contemporânea, exige que tudo o que se faz tenha aplicação prática na solução dos problemas da vida cotidiana. O antropólogo não ficou imune a tal pensamento e buscou aplicar «no sentido prático» seus conhecimentos.

Como não poderia deixar de ser, esta situação refletiu-se no ensino da Antropologia, como pode ser constatado na maioria dos manuais e programas básicos, onde é usual encontrar-se um capítulo justamente intitulado *Antropologia Aplicada*. E não é só. Para alunos em estágios mais desenvolvidos a praticidade pode ser muito mais enfatizada. Eu mesmo, este ano, num programa para alunos em 2º ano de estudos de Antropologia, desenvolvo um programa com tal orientação. Dêsse programa talvez o capítulo mais de acordo com esse pragmatismo seja a *abordagem dos valores brasileiros que são obstaculizantes e estimulantes para o desenvolvimento econômico*. Isto decorre do fato de me incluir entre aqueles que acreditam ter as ciências sociais muito a contribuir para o desenvolvimento nacional, uma vez que muitos fatores do nosso atraso e subdesenvolvimento devem ser buscados na nossa cultura e sociedade.

O pragmatismo não só fez com que antropólogos e professores de Antropologia buscassem aplicar seus conhecimentos, mas levou outros indivíduos, especializados e responsáveis por outras atividades, como nos campos atrás mencionados, a se utilizarem dos conhecimentos antropológicos para maior eficiência de suas próprias atividades, que, em última análise, visam conseguir o tão almejado bem-estar.

Se a Antropologia como ciência é recente, mais recente ainda é a Antropologia Aplicada, chegando alguns autores a precisarem no tempo o seu surgimento: 1921, quando ocorreu o terceiro levante ashanti (na atual Ghana), contra a administração britânica no conhecido episódio do Assento Dourado.¹ Foi solucionado o impasse graças aos esforços do capitão Retray, antropólogo governamental, que demonstrou às autoridades o verdadeiro significado do Assento Dourado para os ashantis.² Sem esquecer a relatividade de datas como essa, ela nos lembra mui enfaticamente quão recente é a Antropologia Aplicada, o que é reforçado se pensarmos que a Sociedade de Antropologia Aplicada, nos Estados Unidos, data de 1941. Por ser de aplicação recente, não só muitos antropólogos ainda não a admitem, como também muitos daqueles que com real proveito poderiam utilizar as descobertas da Antropologia. Para os primeiros é conspurcar o estudo e pesquisa, sua utilização prática. Os que assim pensam não só são minoria, como se tornam cada vez mais minoria. Os outros, os chefes de empresa, administradores, planejadores opõem resistência, não por que não vejam mérito na aplicação da Antropologia, mas pelo bom senso, pelo senso comum que a generalidade das pessoas com tais responsabilidades estão dotadas. Eles mesmos empregam muitos princípios da Antropologia, só que de maneira assistemática e sem rigor científico. Mas à medida que passa o tempo e os problemas que são resolvidos pelo «bom senso» tornam-se mais complexos, se quer mais eficiência, recorre-se a especialistas, dotados não só de bom senso, mas de um conhecimento científico requintado. E isto não se dá só com a Antropologia, mas com todas as ciências sociais.

Usam-se as descobertas da Antropologia, com todo o rigor científico, sem ser através de antropólogos, o que pode ser dispensável, e mesmo sem consciência para muitos, de onde saiu aquilo que emprega com efetivo resultado. Assim temos que

1 - *An Introduction to Social Anthropology*, D. N. Majumdar e T. N. Madan, 6ª ed., 1967, Asia Publishing House, p. 38.

2 - *Antropologia*, C. Kluckhohn, 3ª ed., 1957, Fondo de Cultura Económica, p. 185.

a propaganda, tão fundamental na sociedade industrial, utiliza-se muito de duas constatações da pesquisa antropológica: A existência de uma cultura aberta e outra encoberta em qualquer sociedade humana e a aceitação de elementos novos por motivações de prestígio. Basta ler, ouvir ou ver para constarmos tal fato. Os especialistas em propaganda procuram descobrir as motivações que determinam a ação e comportamento daqueles que constituem seu mercado em potencial, e que estão ocultas na cultura encoberta. Feito isto uma simples insinuação pode ser o suficiente, para a consecução de seus objetivos, como aquela propaganda da Suíça: «Você está preparada para usar biquini no próximo verão?» E com relação a prestígio? Basta vermos quem divulga os produtos. São os que desfrutam de prestígio popular. A réplica à Suíça veio através de Pelé: «Pelé pula, Pelé corre, Pelé chuta, Pelé vibra, Pelé encanta. Pergunte a Pelé se ele substituiu o açúcar?»

Mas nosso tema é Antropologia Aplicada, explicitamente, por especialistas antropólogos. Vejamos isto de perto.

Anteriormente já indicamos alguns dos muitos e variados campos em que a Antropologia pode ser aplicada e isto pode levar algum mal avisado ou mal intencionado a perguntar se a Antropologia tem a vara de condão para solver tantas e tão graves preocupações do homem da sociedade industrial. Evidente que a resposta é negativa. Mas pela amplidão dos seus pontos de referência, pelo método global de enfocar a cultura, o que faz com exclusividade dentre as ciências sociais, a Antropologia está apta a contribuir, de modo muito significativo, como ciência auxiliar, na solução satisfatória de problemas existentes nesses campos.

Do próprio episódio sugerido para marcar o início da Antropologia Aplicada podemos perceber aquele que foi o primeiro e um dos maiores campos para a aplicação da Antropologia. Referimo-nos, como é fácil de perceber, à situação de contato entre tradições culturais muito distintas, como a decorrente do irreversível avanço da civilização. Nesta situação os choques culturais são axiomas. Muitos hábitos, valores e orientações culturais são por demais contraditórios para que

possam coexistir. Nesse caso é forçoso uma reformulação na cultura daqueles que são menos aptos a se imporem. Muitas vezes tal reformulação faz-se à custa de perda e abandono de práticas e valores básicos para o grupo, o que pode provocar perdas irreparáveis, com profundos reflexos na harmonia social e cultural do grupo em questão. Isto foi demonstrado e aprendido na prática onde quer que tal situação tenha se repetido, evidente que sempre com as variações decorrentes das variáveis em jogo em cada caso. Nestas circunstâncias é que nasceu a Antropologia Aplicada. Os países que tinham colônias aprenderam a lição e utilizaram a antropologia em seus territórios coloniais. Países como a Rússia, México, Estados Unidos e Brasil, em seus próprios territórios.

Em relação ao problema no Brasil penso que o estudo mais recente é o interessante *Aculturação Indígena*, de Egon Schaden, editado este ano. Nesse trabalho o autor não só aborda o tema em seus aspectos teóricos, mas especialmente a situação concreta para o índio e sua cultura, resultante do avanço do homem e da cultura brasileira e, como diz o autor, espera que seu trabalho contribua para o estabelecimento de normas mais racionais no campo da política indigenista.

Para abrandar tais choques, para ajudar na reformulação cultural o auxílio da Antropologia pode ser indispensável. Um princípio desenvolvido pela Antropologia é que quando é suprimido ou eliminado um elemento cultural, em especial quando através da força, deve-se encontrar um substituto para o mesmo se se pretende diminuir a perda cultural e reduzir a desorganização e possibilidades de contra-reações. Esse princípio tem grande valia nos casos de mudança cultural dirigida.

Na África Negra um padrão muito difundido é o preço de noiva, que muitas vezes foi considerado repugnante por missionários, chegando mesmo a ser proibida a transferência de gado e outros bens da família do noivo para à da noiva, sem perceberem que muito longe de ser uma compra da noiva, tal transferência de bens é uma eficiente medida que visa assegurar a estabilidade do casamento e da família. Tal proibição mostrou-se tão negativa em seus resultados que foi anulada.

Coube aos antropólogos demonstrar o real sentido do preço de noiva.

Na Nova Guiné entre os papuas a caça de cabeças humanas era uma instituição consagrada. Um jovem se afirmava, obtinha credenciais para um bom casamento e sucesso na vida econômica praticando a caça de cabeças. Enfaticamente combatida pelos holandeses, a solução foi encontrada levando os papuas a caçarem javalis,³ do mesmo modo que a guerra endêmica entre eles, visando também a afirmação individual pela competição bélica foi substituída pela competição esportiva com a introdução do futebol.⁴ Em ambos os casos o resultado positivo muito deveu ao trabalho dos antropólogos a serviço da administração colonial holandesa.

Como o avanço da civilização é inevitável, tais encontros e choques também o são.

Mas no encontro de tradições culturais distintas, como no caso que estamos vendo, a reformulação cultural não se dá apenas por perda, mas também por acréscimo de novos elementos. Muitas vezes tais acréscimos, à semelhança do que se dá com a perda, são realizados mediante pressão e mesmo coercitivamente. Aqui outra vez está presente a Antropologia com princípios que descobriu no estudo da estabilidade e mudança cultural. Assim foi demonstrado que o que conta para a aceitação ou rejeição de um novo elemento cultural é o modo como os indivíduos do grupo receptor vêem o novo elemento; que a aceitação de um novo elemento é feita de maneira seletiva; que o novo elemento deve se ajustar à turma cultural na qual se pretende inseri-lo.

Os holandeses, quando pretenderam introduzir o uso de latrinas entre os já mencionados papuas, encontraram resistência, que segundo o antropólogo que trabalhava na área decorria do fato de terem a magia muito desenvolvida. Pensavam que as fezes poderiam ser usadas para magia negra de contágio.⁵

3 - Idem, ibidem, p. 186.

4 - *Antropologia Cultural*, Felix M. Keesing, 1ª ed., 1961, Fundo de Cultura, p. 608.

5 - Idem, ibidem.

Na Rússia o esforço das autoridades para transformarem todas as culturas dos diversos grupos étnicos que formam sua população, de modo a torná-las congruentes com a teoria socialista, transformando-as em nacionais na forma e socialistas no conteúdo, num imenso trabalho de mudança cultural dirigida, tem na contribuição da Antropologia um suporte fundamental.⁶

Ainda com referência ao avanço da civilização com seu conhecimento científico e economia monetária é de fundamental importância uma constatação da pesquisa antropológica, para uma avaliação e mesmo uma certa previsibilidade mais completa da situação: o desenvolvimento do individualismo, secularização e desorganização cultural, nas sociedades que entram em contato íntimo com a civilização.⁷

Na diminuição ou eliminação de tensões no relacionamento humano a Antropologia tem tido profícuo emprêgo. Isso decorre sobretudo do conhecimento das motivações e valores de grupos e indivíduos que o método antropológico oportuniza.

Durante a II Guerra mundial e depois com os problemas da ocupação, fêz parte integrante do treinamento do pessoal militar e administrativo, o estudo da personalidade modal e conhecimento dos hábitos, valores, normas de conduta de aliados e inimigos, a fim de que tivessem pontos de referência para agirem de modo a não provocarem tensões ou não agravá-las. Para tais estudos e informações o conhecimento antropológico foi decisivo. Uma vez que falamos em II Guerra é útil lembrar que ela foi pródiga em oferecer campos para a aplicação dos conhecimentos antropológicos, desde um manual para identificar plantas comestíveis até à guerra psicológica e mesmo na decisão de preservar a monarquia japonesa.⁸ Da guerra resultaram, também, os estudos do caráter nacional, com fins eminentemente práticos.

Na busca do bem-estar vamos encontrar que o aumento da produtividade, a melhoria na alimentação, educação e condições

6 - *American Anthropologist*, Stephen P. e Ethel Dunn, vol. 64, nº 2, 1962, p. 328-338.

7 - *Yucatan*, Robert Redfield, 1ª ed., 1944, Fondo Económico de Cultura.

8 - Kluckhohn, obra citada, p. 190.

sanitárias, independente de qualquer etnocentrismo são vistas como fundamentais. Na realização de tais objetivos pode ser e é aplicada. Isto se dá porque em tais casos estão presentes problemas de valores, de orientação cultural, de organização social, de crenças, com os quais a Antropologia tem intimidade.

Em pesquisa que realizamos no interior do Estado inquiremos várias pessoas sobre o porquê de não terem latrina e as respostas obtidas indicavam que era algo supérfluo, já que havia árvores por perto das casas. Houve uma resposta que, além de corroborar as demais é significativa: «A tábua está muito cara, já basta as que tive de comprar para fazer chiqueiro para os porcos». A pessoa que deu essa resposta tinha uma situação econômica favorável.

Qualquer pessoa que conheça nosso interior notará que grande parte da população rural tem o hábito de consertar os dentes anteriores com ouro, por razões de prestígio, desprezando os posteriores que se tornam focos de infecção. Igualmente, pode ser constatado que amiudadamente o médico é procurado após o fracasso da benzedeira. Ainda no interior de nosso Estado um fato corriqueiro é as meninas não freqüentarem o colégio, porque seus pais, ou mais precisamente, o pai o julga desnecessário ou supõe ter a mulher pouca inteligência.

A subnutrição, decorrente de uma dieta mal balanceada, é outra característica comum no Estado. Numerosíssimas famílias não têm o hábito de cultivar e consumir legumes.

Problemas semelhantes encontramos em todo o mundo subdesenvolvido. Os pakot do Quênia resistiram de maneira definitiva aos esforços ingleses para melhorar seus rebanhos bovinos. O plano que visava diminuir o número de cabeças e melhorar a qualidade, fracassou devido ao sistema de valores, normas legais, princípios de solidariedade e segurança social pakot que faz com que se interessem pelo número e não pela qualidade do gado, que é a base de sua economia.⁹

No Peru um plano que visava a melhoria na produção pesqueira, através do financiamento de barcos a motor e equi-

9 - *Continuity and Changing in African Cultures*, 1ª ed., 1959, The University of Chicago, Bascom e Herskovits (Ed.), cap. "Pakot Resistance to Change".

pamentos a baixo custo, fracassou, pois, pelas normas de solidariedade social do grupo em questão, um parente tinha a obrigação de sustentar tantos parentes, quantos sua situação permitisse. Assim de nada adiantaria a melhoria individual, a menos que um indivíduo estivesse disposto a romper com a sociedade e parentela.¹⁰

Em todos esses casos encontramos problemas de valores, que muito interessam à Antropologia, são atuantes com grande peso. A menos que se pretenda o emprêgo da força, o que é de todo desaconselhável, a solução de tais problemas, para que um grande número de indivíduos se integre de modo global nas respectivas comunidades nacionais, implica, entre outras coisas, numa reorganização cultural, numa reformulação de valores. Aqui certamente a Antropologia estará presente. Nenhuma ciência sabe mais do que ela a respeito de valores e mudança cultural.

Vejamos, através de dois casos concretos, como pode ocorrer positivamente para a solução de problemas desse tipo.

No Chile um programa de saúde, que visava treinar mães nos problemas de cuidados com as crianças, obtinha um sucesso limitado. Um estudo da situação concluiu que tal ocorria pelo fato do curso ser ministrado em salas de aula e as mães sentirem-se tratadas como alunas. A questão foi solucionada com encontros semanais, como se fôssem reuniões sociais, nas casas das que faziam o curso.¹¹

Na Guatemala um programa que fornecia assistência médica totalmente gratuita não obtinha sucesso. Buscadas as causas encontrou-se que a gratuidade causava suspeição quanto à eficiência de médicos e medicamentos. A solução encontrada foi a cobrança de uma taxa simbólica, mas que tirava o caráter de gratuidade.¹²

Também pode-se aplicar unicamente os métodos de pesquisa antropológica para estudar uma cultura e sociedade.

10 - *Traditional Cultures and the Impact of Technological Change*, George M. Foster, 1ª ed., 1962, Harper & Row Publishers, p. 92.

11 - Idem, ibidem, p. 72.

12 - Idem, ibidem, p. 128-9.

Isso é o que faz, para citar um único exemplo, o Departamento de Estado norte-americano, enviando muitos de seus futuros funcionários para cursos e observações *in loco* nos países de sua futura atuação. Este preparo é feito à base da observação participante.

Já foi dito anteriormente que a Antropologia é aplicada como ciência auxiliar. Assim ela é empregada em projetos e planejamentos mais ou menos globais, como projetos de reforma agrária, desenvolvimento econômico, colonização, redistribuição de população e outros. Recentemente elaborei um questionário para o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, num trabalho interdisciplinar que visava um levantamento, em vasta região do Estado, de dados para a elaboração de planos de reforma agrária.

O questionário pretendia fazer um levantamento de valores e de alguns aspectos da organização e da orientação cultural nas diversas áreas a serem pesquisadas. Assim pretendia verificar se havia uma ligação sentimental com a terra ou se ela era vista somente como um bem econômico; atitude ante a presença de estranhos; a existência de uma orientação individualista, cooperativa ou competitiva; a presença e atuação de liderança; a cosmovisão, para servir de orientação àqueles que iriam planejar e executar os projetos de reforma. O questionário, entretanto, não chegou a ser aplicado por terem sido substituídos os responsáveis pelo projeto.

Para encerrar, cabe ainda abordar dois aspectos. O primeiro, se o antropólogo deve ou não participar ativamente do planejamento, da elaboração de planos e da política a ser seguida nos casos em que se emprega a Antropologia. Aqui as opiniões divergem. Dentre os renomados antropólogos que se opõem a essa participação na elaboração de uma política encontramos Evans-Pritchard, que defende o ponto de vista de que o antropólogo não pode se tornar um planejador e ainda continuar um cientista. Do lado oposto temos S. F. Nadel dizendo que se o conhecimento antropológico pode ser aplicado não há razão para impedir o antropólogo de ser um planejador ativo.¹³

13 - Majundar e Madan, obra citada, p. 44-5.

Filho-me ao segundo grupo acrescentando que em muitos casos não só o antropólogo deve ter uma participação ativa, como seria omissão se não o fizesse, já que por seus conhecimentos pode ser a pessoa com mais condições. Embora possa errar, suas chances de acertar ou errar menos serão maiores.

Finalmente, devo dizer alguma coisa a respeito de um ponto de primeira importância, ou seja o que diz respeito à ética e moral que deve presidir e orientar todo o trabalho de Antropologia Aplicada. É sabido que ciência não tem ética, mas o cientista, sim. É tão grande a preocupação com a ética por parte dos antropólogos aplicados que a Sociedade de Antropologia Aplicada elaborou e publicou seu código de ética.

Dois problemas devem ser considerados aqui. Primeiro: o laboratório do cientista social pouca experimentação oportuniza, já que as experiências não devem causar danos aos indivíduos e à comunidade que formam seu laboratório. O segundo e mais grave é que na aplicação da antropologia mais do que a mera constatação de alguma coisa visa-se modificar alguma coisa, seja por adição, seja por subtração. Surge então a questão não só de qual é o melhor, qual é o mais eficiente, mas do que é correto. Aqui o fôro íntimo do antropólogo é que vai decidir. Espera-se que ele aja de acordo com seus princípios e que sua atuação esteja embasada no conhecimento científico e orientada no interesse dos indivíduos e da comunidade.